

A **Αναλογός**
analogia não
necessita que a

semelhança entre as coisas seja da ordem do visível, e que se exiba assim em sua bruta evidência. Seu poder é desmedido: basta uma afinidade mínima. Basta um laço irrisório para que se tramem a partir daí relações sem fim, redes de incontáveis e sutis consonâncias. As analogias tecem adesões, em extensões ilimitadas, por meio de parentescos mais improváveis...

Na rede de aproximações, tecida pelas analogias, há uma resplandecência primeira, um

ponto distinto que nos desperta a primeira afinidade. Um ponto a partir do qual se desencadeia o desdobrar das semelhanças, os laços de parentescos, quiçá alguma solidariedade entre as coisas, os seres e os acontecimentos.

Mas de onde extrair os análogos (**Αναλογός**) que intitulam, em grego, esses trabalhos de Monica Mansur? De onde extrair o mais ínfimo e compartilhado aspecto, aquilo que nos assemelha e nos aproxima? Como construir as analogias que tecem identidades, parentescos e afinidades, nas repetições em série que, incapazes de assemelhar ou aproximar, reverberam apenas os vazios e estranhamentos de suas cópias?

Esse ponto de apoio, que sustentaria o desdobrar e a circulação das analogias que se espalham sobre a superfície do

mundo, tanto se apresenta, quanto nos falta. Esse ponto é um signo. Um mesmo signo que se repete em todos os trabalhos que a artista vem desenvolvendo nos últimos anos. Um mesmo signo gravado, copiado, fragmentado. Um signo que parece perder sua aura de original nas reproduções mecânicas. Um signo que insinua o desejo de conservá-la, ao ser encerrado em redomas de vidro, aderido à face do espelho, oculto na compressão e acúmulo das folhas de papel. Uma imagem que, se não corresponde à escrita exata de seu nome próprio, podemos, por analogia, perceber ali a sua assinatura. Esse signo repetido e sepultado sob invólucros cristalinos presume interrogar: é possível conceber o indivíduo de agora

dissociado de suas relações fragmentadas e passageiras com a série? E as noções de obra, de autoria e a assinatura do artista, que se atrelam à de individualidade? Esse signo, em suas inúmeras cópias, expõe a precariedade do sujeito, sua condição residual na massa, sua fragilidade a necessitar de redomas, reflexos no espelho, assinaturas no papel: mas é, a um só tempo, sua afirmação e sua dissolução progressiva na repetição.

Nos deparamos aqui com dois grupos de objetos. Oito espelhos, nos quais o signo foi fragmentado e impresso sobre a superfície refletora, estão dispostos na vertical. Essa estratégia gerou uma forma dilacerada que aderiu de tal maneira a seu reflexo que, com ele, se confundiu. O espectador talvez contemple seu corpo aos pedaços, por trás do fragmento que paira sobre a

superfície baça do espelho. Uma superfície análoga à película invisível, disposta sobre a cena pictórica, que outrora sustentava a assinatura dos grandes mestres. No solo, três serpentes enroladas sobre si mesmas são compostas por células circulares, como cadeias genéticas, cujo DNA é mais uma vez parte da reprodução inumerável dessa assinatura.

Na repetição infinita do “Análogo” (*Αναλογός*), se existe um eco de morte e de distanciamento de um Signo Original, no qual se alojaria a mais perfeita assinatura da artista, também pulsa latente um desejo de vida, movimento e aproximações. Contemplá-los é também apurar os ouvidos,

escutar o que, entre silêncios, nos solicita: como se ali latejasse a vontade de quebrar a redoma, saquear o espelho, fundir-se à alteridade. Como se não bastassem as aproximações abstratas das analogias, como se quisessem laços táteis: o toque da mão que assina o nome, a doce respiração que reluta sob os cristais, o beijo que subsuma o olho. O olho das distâncias contemplativas e dos encantamentos perdidos.

**Marcus Vinícius de Paula
Marisa Flório Cesar**